

Papo aberto: sexualidade humana sem “mitos ou tabus” numa abordagem investigativa sobre a formação de gêneros

VASCONCELOS, Stephanie K. Guerra¹; TAVARES, Carla Valéria Ferreira²

¹ Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/CCT, ² Mestre Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/CCT, Professora formadora em Ensino de Ciências pelo Dead/IFPE

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a discussão sobre sexualidade e gênero. A intervenção teve o intuito de introduzir informações sobre esta etapa da vida do ser humano sem julgamento. Tendo como objetivo geral discutir sexualidade e gênero, em sala de aula, com alunos do ensino médio, de maneira que não seja visto como um “tabu”, mas, como um algo importante para a construção de sua identidade psicossocial. A metodologia se baseou primeiramente em um levantamento de concepções prévias e posteriormente pela sensibilização por vídeos, músicas e discussões. Os resultados adquiridos deixaram clara a ausência da família ao tratar deste tema; é possível observar uma nova visão por parte da maioria dos jovens diante da sexualidade e identidade de gênero. Desta maneira é possível concluir que ainda há muito a discutir diante dos desafios sobre gênero e sexualidade, que ainda são baseados no preconceito.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade, diversidade, preconceito, sociedade.

1. Introdução

Discutir Sexualidade e Gênero em sala de aula, ainda é vista como algo que influencia o estudante a extinguir o gênero feminino ou masculino. Infelizmente, este pensamento faz parte de um coro familiar, que omite a discussão para “proteger” os filhos. Esta é uma visão que ainda consubstancia a sociedade, construída por uma cultura que caminha para a omissão de discussões que são indispensáveis para seu desenvolvimento, pautados principalmente no respeito.

Não se pode negar que a sexualidade é algo que está em contínua relação a questões sociais e emocionais, onde na visão de Figueiró (2006), é nessa etapa que se compreende o que é que Sexualidade. Por sua vez, durante esta fase, o adolescente inclui o sexo, a afetividade, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade em seus sentimentos diários, como também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual.

Nessa perspectiva, faz-se necessário compreender a ampla gama de significados sobre sexualidade que a escola pode discutir e intervir na construção de conceitos em sala de aula.

Para Figueiró (2006), ela é:

[...] uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza humana, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura num processo histórico e dialético [...] não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo libido (FIGUEIRÓ, 2006, p. 42).

As Diretrizes do Plano Nacional da Educação (Lei 13.005) no Art. 2 - inciso III propõe: “Superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação” (BRASIL, 2014).

A Base Nacional Curricular - BNCC (2017) que apresenta propostas estabelecendo os objetivos de aprendizagem, norteados por competências, de todos os estudantes da Educação Básica no Brasil, de maneira indireta e extremamente sucinta apresenta propostas ao tratar da diversidade social em todas as suas nuances, excluindo a palavra gênero do texto, conforme expõe na competência 8 “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros com autocrítica e capacidade de lidar com elas” e na competência 9 propõe exercitar o diálogo, a resolução de conflito, para promover o respeito com a valorização da diversidade de indivíduos e grupos sociais, sem preconceito de qualquer natureza.

Utilizando das bases que constroem os objetivos da educação do país, este trabalho atrelou o ensino por investigação que se baseia no planejamento realizado previamente pelo professor, definindo assim objetivos que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem na construção do conhecimento por parte do estudante.

Neste sentido, nos propomos analisar qualitativamente e descrever o olhar dos estudantes sobre questões que envolvem gênero, procurando promover no estudante questionamentos que trabalhem a compreensão da diversidade e questões relacionadas ao respeito.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Diversidade de gênero e o currículo escolar

A escola precisa ser vista como um ambiente de discussão e construção do indivíduo. Mesmo sabendo que discutir diversidade sexual é algo relevante na construção da identidade do indivíduo que, por consequência, reflete no perfil de construção dinâmica da sociedade, ainda existe resistência e muitas vezes uma negação por parte de muitos profissionais da educação em tratar do tema, como é declarado por Louro (1999), que a escola ao supor haver

apenas um tipo de desejo inato a todos, a escola acaba negando a homossexualidade, por muitas vezes ignorar, o que leva os indivíduos a declararem sua sexualidade sem vergonha ou culpa.

Foi por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1996), que pela primeira vez foi inserido no currículo escolar o tema Educação Sexual, dentro do que se propõe tratar diversidade como forma de eliminação do preconceito e as pregações de heteronormatividade sexual. Mesmo eliminando o termo “diversidade de gênero” na atual Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2017), na proposta por construção de competências, não elimina a discussão sobre diversidade na amplitude da palavra. Uma negação que, não raro, pode configurar uma espécie de reação em contraposição a qualquer esforço em favor do “direito democrático à sexualidade” (RIOS, 2006).

O fato é que diante desta proposta, deixa-se de realizar o mais importante para a formação desses jovens que é debater o tema, trabalhando o processo de discussão sobre o respeito, como ponto indispensável para a eliminação do preconceito, e não simplesmente construir uma barreira tão rígida quanto o julgamento. Em vez disso, caberia admitir que nossos (as) jovens já estudam “isso”, mas a partir da perspectiva heteronormativa, na produção de corpos, sujeitos e identidades segundo a lógica da “heterossexualização” (BUTLER, 2003).

2.2 O Ensino Investigativo na discussão sobre gênero e sexualidade

A proposta de ensino investigativo iniciou, segundo DeBoer (2006), no século XIX, quando as disciplinas de ciências passaram a integrar os currículos de vários países, em virtude dos estudos que se baseavam apenas nos estudos de matemática e gramática. Indo de encontro a um padrão de outras disciplinas, nas ciências os estudos foram iniciados pela observação e a partir delas iriam construir as conclusões.

Não deixa de ser contraditório desassociar o ensino de ciências e a pesquisa. O ato de questionar, levantar problemas, torna o estudante um ser capaz de construir relações com o mundo. O professor basicamente deveria fazer questões orientando os estudantes através das descobertas (DEBOER, 2006). Ou seja, manter o seu papel de mediador, criando condições para a construção da aprendizagem, direcionando os estudantes a questionar, procurando problematizar situações.

A problematização sobre diversidade de gênero leva naturalmente a investigação, a fim de compreender situações cotidianas e por sua vez transformá-las. Nossa responsabilidade

maior no ensinar Ciências é procurar que nossos alunos e alunas se transformem, com o ensino que fazemos em homens e mulheres mais críticos. Sonhamos que, com o nosso fazer Educação, os estudantes possam tornar-se agentes de transformações -- para melhor -- do mundo em que vivemos (CHASSOT 2000).

3. Metodologia

O trabalho foi realizado na Escola Estadual Ministro Jarbas Passarinho, no município de Camaragibe – PE, com a turma do 1º ano A turno da manhã, formada por 35 alunos, dia 20 e 27 de Abril de 2018. Utilizando-se de dois momentos, em cada momento duas aulas de 50 minutos.

O presente artigo traz uma proposta qualitativa de análise, numa categoria descritiva. Onde se realiza uma análise das significações diante das abordagens investigativas sobre gênero que, para Bardin (2009, p. 48) a abordagem qualitativa tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou eventualmente, os efeitos dessas mensagens).

Os procedimentos metodológicos se configuraram em quatro etapas:

1ª etapa: Levantamento de Concepções Prévias

Foi iniciada através de conversas sobre a relevância da sexualidade humana para a formação da identidade, no intuito de apresentar aos estudantes temas polêmicos sobre sexualidade, com perguntas como: *Por que tratar de sexualidade ainda é um “tabu” entre pais e filhos? Por que a sociedade ainda trata com preconceito a diversidade de gênero? Por que as pessoas se importam tanto com a sexualidade alheia?*

2ª etapa: Sensibilização sobre o conteúdo

Levantamentos dos pontos que norteiam o julgamento e o preconceito por parte das relações homoafetivas. Nesse sentido, foi utilizado o vídeo da propaganda do dia dos namorados da empresa “O Boticário” do ano de 2015, como processo de sensibilização sobre orientação sexual.

3ª etapa: Revisando as concepções sobre diversidade e gênero

Apresentação do vídeo e música “Homem com H”, interpretada pelo cantor Ney Matogrosso, como base para discussão sobre questões históricas e de gênero, uma vez que o interprete apresenta-se no palco com adereços femininos e desempenho que vai de encontro à

letra da música.

4ª etapa: Aplicação do questionário

Aplicou-se por meio de questões abertas e norteadoras a discussão realizada, no intuito de obter opiniões dos estudantes sobre inúmeros pontos relacionados ao tema abordado. Ponto este que foi retomado ao final do processo investigativo.

4. Resultados e Discussão

Neste momento do nosso trabalho, nos deteremos a desenvolver críticas positivas e negativas sobre todo o processo de ensino realizado acerca das aplicações das atividades realizadas, com o objetivo central de proporcionar uma reflexão sobre diversidade de gênero numa perspectiva de desconstrução de um caráter social homogeneizador. O procedimento de ensino ocorreu durante o ano letivo regular da escola, cada aula correspondia a 50 minutos, acontecendo durante semanas normais de aula.

Primeira Etapa

Iniciada por conversas direcionadas pelos questionamentos sobre a relevância da sexualidade humana para a formação da identidade e inserção do indivíduo em sociedade.

Tais questões foram revistas na quarta etapa, após as respostas apresentadas nos questionários respondidos pelos estudantes, a fim de retomar o processo do ensino investigativo.

Figura 1. Roda de conversa.



Fonte: Vasconcelos, 2018.

Segunda Etapa

Com a utilização do vídeo da propaganda do dia dos namorados da empresa “O

Boticário” do ano de 2015, como processo de sensibilização sobre a relação homoafetiva.

Após o vídeo foram realizados levantamentos dos pontos que norteiam o julgamento e o preconceito por parte das relações homoafetivas.

Figura 2. Estudantes assistindo propaganda.



Fonte: Vasconcelos, 2018.

A maioria dos estudantes afirmou não ver problema nem mesmo nada explícito na propaganda para ter gerado tanta polêmica, como gerou na época. Afirmaram não ter nada na imagem que os incomodassem, porém alguns ainda veem como algo estranho daquilo que estão acostumados.

Terceira Etapa

A terceira etapa direcionou-se a discussão de gênero. Foi apresentado um vídeo de um show do cantor Ney Matogrosso interpretando a música “Homem com H”, quando o mesmo era o vocalista da banda “Secos e Molhados”. A música da autoria de Antônio Barros, estourou 7 anos depois da composição em 1981, quando foi gravada por Ney Matogrosso na gravadora Ariola produzido por Marco Mazzola.

Pedro Bial, no programa Conversa com Bial, em entrevista a Ney Matogrosso em 29 de maio de 2017, o descreve como um dos primeiros a quebrar tabus a respeito de gênero ao usar adereços femininos e dançar no palco.

Figura 3. Estudantes assistindo “Homem com H”.



Fonte: Vasconcelos, 2018.

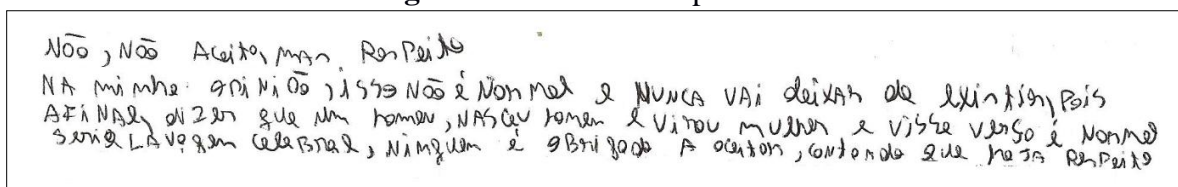
Quarta Etapa

Diante da discussão realizada e o questionário aplicado, foi possível obter algumas declarações a respeito de como esses estudantes estão lidando e refletindo sobre o mundo diante do tema. Foram aplicados a 15 estudantes, ambos com a faixa etária de 14-15 anos. Os questionários foram observados individualmente e identificados por números e a letra “E” de estudante. A análise do conteúdo foi realizada por meio das questões 1, 2, 4 e 6.

Discussão sobre a questão 1. **“Há diversidade de gênero, ou você só aceita a concepção homem e mulher?”**

Praticamente todos afirmaram que acreditam na existência da diversidade de gênero, exceto o E7 que afirmou que não aceita esta ideia e que dizer que é normal seria uma lavagem cerebral, pois ninguém é obrigado a aceitar, contudo, respeita.

Figura 4: Recorte da resposta do E7.



Não, Não Aceito, mas Respeito
 NA minha opinião, isso não é normal e nunca vai deixar de existir, pois
 afinal de contas que um homem, nasceu homem e virou mulher e vice versa é normal
 seria a lavagem cerebral, ninguém é obrigado a aceitar, contudo, respeito

Fonte: Vasconcelos, 2018.

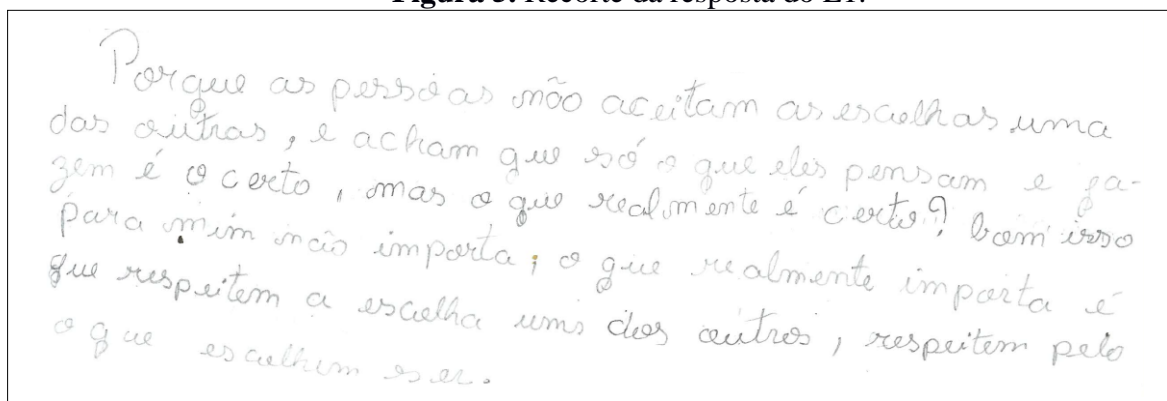
Já o E8 é que afirma que respeita a diversidade de gênero, mas não aceita.

Segundo Louro (2017) a declaração “é uma menina!” ou “é um menino!” instala um processo que supostamente deve seguir um determinado rumo ou direção, onde coloca o sexo como um dado imutável e a-histórico, que também irá determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo.

Discussão sobre o questionamento 2: **“Por que ainda existe uma resistência social diante da diversidade de gênero?”**

As conclusões foram diversas: O E1 associou a resistência e ao fator da intransigência, ou seja, alguns acham que estão corretos e os outros errados, já os E2, E5, E6, E9, E11, E12, E14 e E15 afirmam que a resistência está baseada na geração, onde os idosos possuem a maior resistência devido a educação que receberam e se referem a eles como sendo uma geração conservadora.

Figura 5. Recorte da resposta do E1.



Porque as pessoas não aceitam as escolhas uma das outras, e acham que só o que eles pensam e fazem é o certo, mas o que realmente é certo? Bem isso para mim não importa; o que realmente importa é que respeitem a escolha uns dos outros, respeitem pelo o que escolhem ser.

Fonte: Vasconcelos, 2018.

De acordo com Louro (2008) que questiona: Que instâncias e espaços sociais têm o poder de decidir e inscrever em nossos corpos as marcas e as normas que devem ser seguidas? - Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivos, que por muito tempo suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos e limitantes.

Os E3 e E6 opinam que esta resistência provém da ausência de discussão sobre o assunto; o E7 afirma que a resistência está associada aos padrões humanos, que alguém “normal” não aprova os E8, E11, E12, E14 e E15 associa à religião; os E9, E12 e E15 afirmam ser a família e a educação advinda de uma estrutura familiares conservadoras.

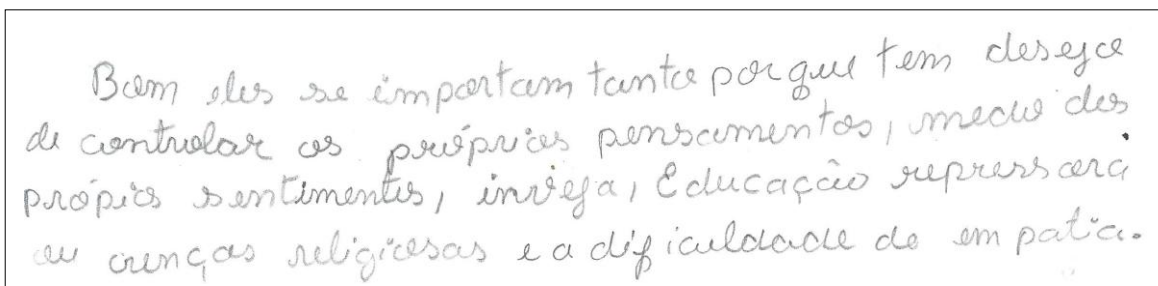
Passamos, assim, a tomar como verdade que as mulheres se constituíam no segundo sexo ou que gays, lésbicas, bissexuais eram sujeitos de sexualidades desviantes (LOURO, 2008).

Com um olhar mais direcionado o E10 afirma que todos os fatores como (religião, educação familiar e escola) e o E13 não associa a nada, o mesmo afirma que o indivíduo, se estiver disposto a mudar a forma de pensar, então muda.

Discussão sobre o questionamento 4: **“Por que o ser humano se importa tanto com a sexualidade do outro?”**

Os E1 e E10 afirmam que o ser humano se importa pelo fato de ser controlador e julgam, por provavelmente ter recebido uma educação repressora ou por terem desejos reprimidos.

Figura 6. Recorte da resposta do E1.



Bom eles se importam tanto porque tem desejo de controlar os próprios pensamentos, medo dos próprios sentimentos, inveja, Educação repressora ou crenças religiosas e a dificuldade de empatia.

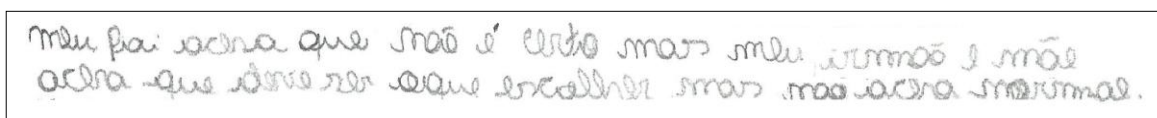
Fonte: Vasconcelos, 2018.

Associando a questão de o ser humano ter o hábito de julgar os E3 e E8 afirmaram ser o fato de nutrirem inveja da felicidade alheia; o E12 atribuiu à intransigência; os demais não souberam responder.

Segundo Louro (2004) o desafio maior diante de embates culturais, no terreno dos gêneros e sexualidade, não parece ser aceitar que as possibilidades tenham sido multiplicadas, mas sim admitir que as fronteiras atravessadas estão no lugar social no qual estão inseridos. Discussão sobre a questão 6 na qual aborda a temática **“Como sua família trata assuntos relacionados à gênero e homossexualidade em casa?”**

Os E9 e E15 declaram ter divisão de opinião pelos membros da sua família, onde geralmente o pai ou o avô são bastante preconceituosos, em contraponto aos demais que não são e tratam o assunto de maneira muito tranquila.

Figura 7. Recorte da resposta do E9



meu pai acha que não é certo mas meu irmão e mãe acha que deve ser esse exemplo mas meu pai acha normal.

Fonte: Vasconcelos, 2018.

Se, por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física (LOURO, 2008).

Em relatos os E1, E8, E11, E12 e E13 afirmaram que a família sente desconforto em tratar do assunto, julgam ser pecado e falam de forma preconceituosa, entretanto, os E2, E3, E6, E7 e E14 discutem normalmente e priorizam o respeito.

Passamos, assim, a tomar como verdade que as mulheres se constituíam no segundo sexo ou que gays, lésbicas, bissexuais eram sujeitos de sexualidades desviantes (LOURO, 2008).

Já o E4 afirmou que sua família é indiferente ao assunto e escolhe nem falar a respeito, em contrapartida o E5 deixa claro que a família o apoia diante de qualquer escolha que venham a seguir já o E8 direciona ao não julgamento por seguir a bíblia como fundamento.

A família pode reforçar as ideias de que a sexualidade deve ser tratada de maneira sigilosa, e por vezes reprimida, ou possibilitar às adolescentes, por meio do diálogo, o reconhecimento da sua própria sexualidade com autonomia e responsabilidade (RESSEL, 2003; ALMEIDA, 2009).

5. Conclusões

Diante do percurso metodológico utilizado e o caminho percorrido por meio de discussões que, indiretamente, apresentam características diversas sobre nossa sociedade atual e todos os entraves que ainda é preciso transpor.

O fato de muitas famílias silenciarem ou resistirem a discussão sobre o tema, e até mesmo disseminarem uma cultura preconceituosa, demonstra que está enraizado uma educação que caracteriza uma geração diferente, onde muitos ainda associam sexualidade ao pecado, baseados em princípios religiosos. Infelizmente é notório que há em muitas afirmações um preconceito camuflado, que muitas vezes é inconsciente. A escola ainda não está preparada para tratar do tema desvinculado ao preconceito, devido à falta de formação continuada e até mesmo por resistência dos profissionais da educação, que se apresentam como parte integradora de um grupo resistente às transformações atuais sobre sexualidade.

O tema chama a atenção dos estudantes. Levando-os a discutir e participar com perguntas e colocações pessoais que enriquecem a discussão, onde a liberdade, na declaração sobre sua sexualidade se apresenta mais cedo entre eles. É notório que há o surgimento de uma geração diferente, no que se fala de sexualidade e diversidade de gênero. Há uma geração que surge pautada no respeito e na conscientização de que a sexualidade do outro só importa a ele, pois o respeito já faz parte da identidade de muitos, independente da educação, muitas vezes preconceituosa, recebida da família.

Torna-se um grande desafio, por parte de todos que formam a sociedade, admitir as limitações, que são reais e impedem, na maioria das vezes, que o indivíduo seja quem de fato é. Desta forma, acredito que seja responsabilidade de todos refletirem sobre o assunto,

identificando pontos que sejam responsáveis pela disseminação do preconceito das escolhas sexuais alheias. É indispensável desconstruir o rótulo sexual. O indivíduo não é apenas a sua sexualidade. O estereótipo e o preconceito andam juntos e apenas são os responsáveis pela desconstrução do respeito.

6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA ACCH, Centa ML. **A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem.** Acta Paul Enferm. 2009; 22(1): 71-6.

BRASIL/MEC. **Lei Nº 13.005, de 25 de Junho de 2014. Plano Nacional de Educação (PNE).** Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113005.htm> . Acesso em: 22/06/2018.

BRASIL/MEC/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual.** Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum: Educação é a base.** Brasília: MEC, 2017.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHASSOT, Ático. **Alfabetização Científica: novas alternativas para novas exigências.** In.: Educação em Foco: Revista de educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação/ Centro Pedagógico. V. 5, nº 1, Mar/Set 2000, p. 29-42.

DEBOER, G. E. **Historical Perspectives on Inquiry Teaching in Schools** In Flick, L. D. and Lederman, N. G. (Ed.), Scientific Inquiry and Nature of Science, Netherland, NED, Springer, p.17-35, 2006.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: como ensinar no espaço da escola.** Linhas, Santa Catarina, v.7,n.1, p.1-21, 2006.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível.** In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** *Pro-Posições* [online]. 2008, vol.19, n.2, pp.17-23. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072008000200003&script=sci_abstract&tlng=pt> 22 Jun. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas.** *Educação em Revista. Belo Horizonte, dez. 2007. n. 46. p. 201-218.* <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>> 22 Jun. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade.** In: _____. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

RESSEL LB. **Vivenciando a sexualidade na assistência de enfermagem: um estudo na perspectiva cultural**[tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2003.

RIOS, Roger Raupp. **Para um direito democrático à sexualidade.** Horizontes Antropológicos, v. 12, n. 26, jul. / dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n26/a04v1226.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2006.

Vídeo da propaganda do dia dos namorados da empresa “O Boticário” do ano de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p4b8BMnolDI>> (acessado em 27/06/18).

Vídeo “Homem com H” – interpretada pelo cantor Ney Matogrosso. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BWIBbCRPBMg>> (acessado em 10/04/18).

Conversa com Bial; **Entrevista ao cantor Ney Matogrosso** – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NSRktpjqIMM&t=172s>> (Acessado em 22/06/ 2018)